

**JOÃO A. DE SOUZA FILHO - RATOS DE IGREJA**

# **RATOS DE IGREJA**

**UMA HISTÓRIA  
BASEADA EM  
FATOS REAIS**



**JOÃO A. DE SOUZA FILHO**

Título: Ratos de Igreja  
Autor: João A. de Souza Filho  
ISBN 2a. Edição: 978-85-98131-13-9  
Diagramação: Nilson Levi Zalewski  
Porto Alegre, RS  
Editora Faith Ltda

### Comentários sobre o livro:

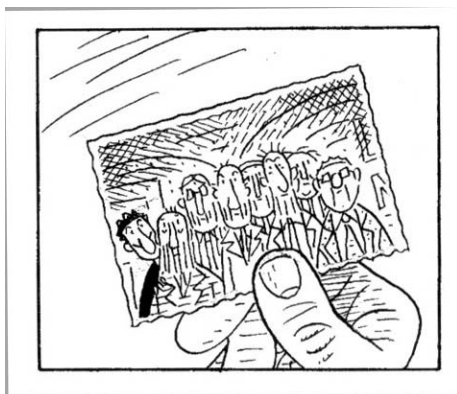
*Gostei muito do texto do autor. Ele tem todas as qualidades de bom narrador: fluência, objetividade, simplicidade. A história que conta é muito interessante. O autor, certamente, descobriu um "filão" ficcional representado pelos bastidores da prática religiosa. Estou certo de que os leitores gostarão! Receba os parabéns e o abraço de*  
**Moacir Scliar (Médico e Escritor gaúcho)**

## Prefácio do Autor

Ratos de Igreja é um desses casos que anda na boca de todo crente. Todo pastor tem um para contar. Muitos livros poderiam ser escritos com contos como este, em que famílias e igrejas foram inocentemente envolvidas. Nossas igrejas pelo Brasil a fora registram muitos casos semelhantes a este que passo a narrar. Na realidade, este caso aconteceu na década de sessenta. A forma de contá-lo agora no fim do século leva o leitor àquela época dourada quando a simplicidade era a qualidade visível do povo de Deus.

O conto leva o leitor a uma Porto Alegre antiga que hoje só existe em fotografias e também a uma congregação de gente simples, mas comprometida com mensagem de Cristo. Bem, é uma história para ser lida de uma só vez. Dá tempo de ler enquanto se vai ao trabalho de ônibus ou de trem, ou melhor ainda, num bom sofá de sua casa! Boa leitura!

## Capítulo 1 - Golpe Sujo!



Puxei uma cadeira no escritório e me assentei. Estava bastante frustrado com o que me acontecera. Nosso hóspede acabara de dar um golpe na igreja bem embaixo do meu nariz! Todos fomos envolvidos na trama. Os presbíteros, os diáconos, o tesoureiro. Meu Deus! Como fomos simples em tratar com aquele homem! Ele tinha um cartão de membro de igreja e veio recomendado por outro colega de um outro estado do Brasil. Contou uma história comovente. Nós acreditamos e ele ficou!

Ele até pregava direitinho. Sujeitinho sabido era ele. Conhecia todo mundo da nossa denominação. Contou detalhes pormenorizados de quando andou com o fulano. O presidente da Convenção. Ah! Ele também tinha participado, me disse, daquele encontro mundial da Igreja. Onde mesmo? Na Finlândia, parece. E aquela foto dele ao lado dos líderes não o deixava mentir! Como a conseguiu?

Agora, não sei se rio ou se choro. A simplicidade do Evangelho foi tão forte. O amor pelas pessoas tão real. A compaixão pelas pessoas calou mais fundo do que qualquer história. E eu envolvido nas atividades da Igreja, amando

todo mundo, chorando, ajudando... Bem que eu poderia ter sido um pouco mais astuto, como a serpente. Mas, no fim de tudo, eu era um pastor, simples como uma pombinha. Ele era a serpente astuta, traíçoeira eu, um pastor jovem cujo cajado novo precisava ser talhado pelo tempo. Nem posso crer. O homem era tão espiritual! Liguei para um pastor amigo, mais velho. Queria desabafar. Meu Deus! como é difícil achar um pastor amigo hoje em dia! Ainda bem que encontrei alguém que me entendeu!

Ele me disse que tinha todo o tempo do mundo para mim. Era muito ocupado, viajava muito, mas eu era mais importante para ele agora! Marcamos um horário naquele mesmo dia. Cancelei alguns compromissos. Ele cancelou outros compromissos e nos encontramos na casa dele. Com crianças pequenas na minha casa, melhor é ir à casa de alguém que já é avô. E ele para me consolar, desenrolou de sua memória uma história de vigarice, roubo, mentira, cheia de emoção e, pasmem! cheia de fé!

## Capítulo 2 - "Ratos de Igreja"



Num bairro de Porto Alegre, entre gente bem simples, apareceu um desses "ratos de igreja", contando uma história bem ajustada, certinha, que fechava com o que dizia o rádio, único meio de comunicação que trazia as notícias até nossas casas. Tudo o que ele dizia podia ser conferido com as notícias ouvidas no rádio. Houve muita chuva na região de Santos, dizia ele. Muitas casas desabaram. A dele também. Morreu toda a sua família inclusive sua irmãzinha de 5 anos de idade. Foi uma tragédia. Ele perdeu tudo e resolveu vir para Porto Alegre.

Primeiro o sujeito apareceu na casa de um irmão. Como ele ficou sabendo que ali morava uma pessoa crente, até hoje não sabemos. A pequena capelinha de madeira onde os crentes se reuniam ficava a meia quadra dali. Nos fundos morava a irmã Maria. Ela cedera a parte toda da frente da casa para as reuniões. Anos mais tarde, disse-me ele, surgiu um templo naquele bairro, mas durante muito tempo era ali que os crentes se reuniam. E os crentes simples, ouviram a história daquele homem. Ele se chamava Hélio. Deram acolhida, banho e comida até que o líder daquela congregação decidisse, na hora do culto da noite,

o que fazer com ele (O líder da congregação tirou o corpo fora e deixou o caso nas mãos dos irmãos). Afinal, o pobre homem apareceu ali e não tinha para onde ir.

### Capítulo 3 - O Coração Tamanho de um Bonde



Os crentes são assim mesmo. Especialmente logo que se convertem são pessoas simples, inocentes, pacatas e com o coração do "tamanho de um bonde", como se dizia antigamente; sempre aberto para todo mundo. Essa gente simples, logo no início da conversão, me disse o pastor, é simples como uma pombinha, totalmente desarmada de preconceitos ou desconfiança. E ali estava aquela gente na reunião. O coral, cantando. O dirigente empolgado. E todo mundo é bem-vindo. Os visitantes, sempre saudados. Se crentes, ganhavam a oportunidade de falar e testificar.

Pois o Hélio estava ali. Era um lobo voraz, no meio de gente simples. Mas ninguém o via como lobo. Todos o viam como um cordeirinho desamparado, precisando de ajuda. E o Hélio, teve também a oportunidade de dar a sua saudação. E com quê emoção. Todo mundo chorou quando ele contou sua triste história. Morava numa das encostas da cidade de Santos e a enxurrada derrubou sua casa e a de muitos outros. Morreram os seus pais e sua irmãzinha de cinco anos. Apontou para uma menina, pequena, de cabelos



pretos, encaracolados e, chorando, disse: minha irmã era parecida com ela. E desandou a chorar. E todos choraram! Contou, então, que ficou só, sem ter para onde ir. Sem documentos e sem roupas. Mas ele era um crente e, sentindo forte no coração a direção de Deus, veio tentar a vida em Porto Alegre.

Não me perguntem, dizia ele, como cheguei até aqui. Arrumei um quartinho numa pensão perto da rodoviária e saí desolado pela cidade. Cheguei no centro e na esquina da Rua Riachuelo com a Borges de Medeiros vi um bonde que vinha para o bairro da Glória.

E o pastor que me contava a história para me consolar, fez questão de me levar de volta ao tempo dos bondes, como que a ativar minha memória para uma época que só conheço por fotografias. Os bondes passavam todos pelo centro, se entrecruzando e tomando direções diferentes para todos os bairros da cidade. Havia os bondes que gingavam como gaiolas, conhecidos como "bonde gaiola". Eram menores que os demais e balançavam muito. Os trilhos desses bondes estão enterrados sob camadas de cimento e de asfalto por toda a cidade, disse. Um desperdício de dinheiro. Nesses bondes havia aquelas propagandas: Veja ilustre passageiro, que belo tipo faceiro o senhor tem ao seu lado...E o pastor se deliciou em reminiscências.

E Hélio, ficou ali, olhando os bondes quando viu um que dizia: Glória. E para os crentes, simples devotos, ele pregou sobre as coincidências do dia. Em como Deus o havia guiado, pois Glória era também o nome do bairro onde ele morava em Santos. Ao descer do bonde, disse ele, saiu errante e encontrou esta congregação. Foi quando recebeu a informação que ali no meio da quadra morava esta

irmã. E louvava a Deus! Como Deus o ajudava. Orou fervorosamente e, pasmem! falou línguas intensamente. Os fieis oraram, se alegraram e choraram com ele.

Ele até cantou um dos conhecidos hinos do hinário cujo estribilho dizia: "Oh, quão bom é o nosso Deus, tudo preparou para os seus, que por Ele chegarão, satisfeitos à sua mansão". É hino cuja melodia tem aquele teor melancólico, desse tipo de melodia que infunde tristeza num misto de alegria. Mas quando ele cantou uma das estrofes, a congregação explodiu em lágrimas e aleluias. A estrofe não poderia ser mais apropriada: "Vindo a morte dar, golpe em meu lar, então eu bem sei, onde acharei, paz que satisfaz, pois Jesus me traz..." Logo depois ele cantou: " Longe do meu lar, sinto eu pesar...". O cântico é espiritualmente motivador...leva às lágrimas!

O pastor com o qual me aconselhava contou-me que tinha apenas 16 anos na época. Observou e escutou tudo com a mesma paixão que dominava todos na reunião. Quando o culto terminou havia no ar um ambiente de solidariedade sobre-humana e o desejo de ajudar da melhor forma possível. As ordens de Jesus começaram a martelar a mente de vários crentes. Amar o próximo. Amar os inimigos. Hospitalidade. Ah! disse um irmão; existe o mandamento de que o cristão deve ser hospitaleiro. Uma possibilidade de, sem saber, hospedar anjos. E quem não os quer hospedar em casa?

Aquela gente de condição humilde, com poucos recursos, mas comprometida com o cristianismo começou a se olhar. A irmã Zezé, como era conhecida, decidiu que o hospedaria. Vamos lá para casa, disse ela. Sempre podemos achar um lugar para mais um. O marido não concordou. Mas como ela exercia um certo domínio sobre todos da

casa nas questões espirituais, o marido e os filhos aquiesceram. Ele perdeu toda a família e a irmãzinha dele se parece com nossa filha. Pelo menos ele tem um consolo ao ver a menina!

E lá foi o Hélio. Durante todo o trajeto, aquele lobo, cheirando a cordeirinho, não se continha de alegria. Sempre tinha uma resposta a qualquer pergunta. Mas como conseguiu dinheiro para vir até Porto Alegre? E ele tinha uma resposta inteligente e espiritual. Dona Zezé, para testar um pouco mais o rapaz, perguntou-lhe como era o nome do pastor da igreja em Santos. E a resposta fechava com a informação que ela tinha da última reportagem do jornal da denominação que viera do Rio de Janeiro. Qualquer desconfiança, se é que havia alguma, desaparecia a cada resposta, confirmada pelas poucas informações existentes. Não havia dúvida: ali estava um servo de Deus, vitimado pela desgraça da moradia que desabara com o temporal!

## Capítulo 4 - Lobo Vestido de Cordeiro



A casa para onde Hélio, o lobo vestido de cordeiro foi levado era bem simples. Uma casa de madeira como as do bairro, dotada do mínimo conforto como água encanada e luz elétrica. Era pintada com cores alegres. O chão de madeira, lustrado semanalmente com muito esforço. Nas paredes, os quadrinhos de fotos de calendário, alguns com versículos bíblicos. As vidraças sempre límpidas. O jardim, nem se fala. Todos ali cuidavam do pátio.

Um abacateiro com frutos que arcavam os galhos quase até o chão. Um pé de limão. Uma moita de cana cidreira. Outra moita com cana de açúcar. Da boa, diziam. Um pé de ameixas amarelas daquelas que chamam os sabiás quando estão madurinhas. E muitas flores. Hortênsias, margaridas, crisântemos, roseiras, gerbas, e lírios que atraíam os colibris verdes e as coloridas borboletas. Era uma casa alegre. Por fora e por dentro. Por fora por causa dos flores e árvores e por dentro por causa daquela gente simples e fiel a Deus que ali vivia. Era uma família alegre, apesar de pobre. Gente feliz. Um gato e um cachorro que também viviam em perfeita paz!

Ninguém tinha automóvel. Tudo era muito simples mesmo. O chefe da casa, crente fiel, trabalhava e as vezes ficava toda a semana ausente noutra cidade. Os dois filhos mais velhos trabalhavam. Um na indústria e a moça no comércio. Na congregação, era a família modelo, olhada, observada, cuidada.

Os quatro filhos restantes da casa, dois rapazes e duas moças se acomodaram e separaram um lugar para o Hélio.

Ele veio e se instalou. A primeira coisa que fez ao chegar naquele lar foi orar, e orar muito alto. A vizinhança toda ouviu. Chamaram a atenção dele de que não era bom orar tão alto assim, mas ele não ligou. Sua espiritualidade era maior. Sempre que orava era bem alto. E os vizinhos todos o ouviam. O lobo se instalou naquela casa. Mas ninguém o via como lobo. Ele falava como ovelha, orava como os crentes, citava a Bíblia de fio a pavio, como diziam os antigos. E qual o assunto que mais gostava? Escatologia. Este negócio de saber sobre o anticristo, quando vem, o que fará, era terreno fértil para ele. E todos ficaram encantados com a sua presença. Ele era um sujeito agradável. Tinha bom humor. Um homem espiritual. E como conhecia a Bíblia.

O dia seguinte era um domingo. E ele já se levantou e apareceu na cozinha com a bíblia na mão. Ele gostava do Salmo 91, naquela versão que diz: "O que habita no esconderijo do altíssimo à sombra do Onipotente descansará". Junto com o café ele recordou para todos o lugar onde morava em Santos, como chegou a Porto Alegre e o milagre de encontrar um bairro com o mesmo nome do dele em Porto Alegre. E a menina de cabelos encaracolados estava ali do lado dele, tão parecida com sua irmã que foi soter-

rada no desmoronamento. Ali mesmo, pediu licença aos familiares, abraçou a menina e chorou.

Todos choraram com ele. Ele tirou de dentro da bíblia um recorte de um jornal da cidade que mostrava a tragédia e apontou para um monte de escombros onde estava soterrada a sua casa. E mais uma vez ele chorou. E muito. Lágrimas corriam por sua pele morena, cor de jambo. Alguém lhe alcançou um lenço e aos poucos as lágrimas foram se contendo sob aquelas sobranceiras escuras.

- E agora, o que você vai fazer de sua vida? - perguntou-lhe o dono da casa.

- Bem. Tirar novos documentos, arrumar emprego e reconstruir tudo de novo.

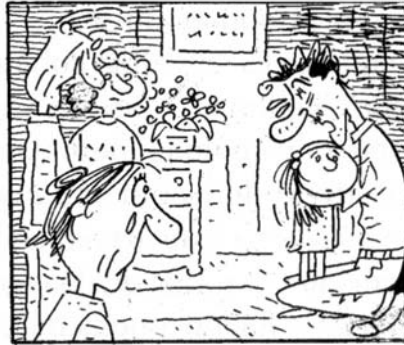
- Mas onde você ficou quando chegou a cidade?

- Numa pensão.

E sabe quem foi juntamente com ele à pensão buscar suas coisas? O filho de dona Zezé,

um rapaz inexperiente, com apenas 16 anos. Agora, esse Pastor que quando jovem sua família hospedara o Hélio estava ali, sentado à minha frente me confortando. Confortando-me a mim, vítima de um rato de igreja, de um explorador de crentes!

## Capítulo 5 - O Lobo Solto



A pensão ficava ali na rua Cel. Vicente, uma rua cheia de pequenos hotéis de programas e algumas pensões. Na Porto Alegre de antigamente, as proximidades da rodoviária e da ferroviária eram cheia desses hotéis. Havia o Hotel Porto Alegre, a Pensão Celestina. Bem. Isto não nos interessa agora, a não ser como reminiscência de uma época que passou. E o pastor continuou a me contar sobre aquele dia. Os dois subiram as escadarias íngremes ao piso superior e entraram num daqueles quartos divididos com lâminas de Eucatex. Tudo o que havia era uma cama, um guarda roupa de duas portas, uma cadeira e uma pequena mesa.

Até parecia um quarto de convento católico. Hélio pegou um par de chinelos que estava debaixo da cama, colocou dentro numa mala pequena de papelão onde havia umas poucas roupas; tirou uma toalha da cabeceira da cama, enfiou na mala e os dois retornaram à casa de Dona Zezé. Pegaram o bonde que ia para o bairro da Glória. E haja lembranças! Outra vez, ao tomar o bonde, relembrou a mesma história, do bairro com o mesmo nome onde ele morava, a semelhança das ruas, a menina parecida com sua irmã, etc.

Quando estávamos na Praça do Portão esperando o bonde, disse-me o pastor, Hélio começou a se lembrar de como o Senhor fora fiel com ele e lhe mostrou o bonde Glória e o caminho a ser tomado. Assim os dois foram para a casa da família que se dispôs a cuidar do Hélio.

O que se passava na cabeça daquele lobão? Ninguém sabia, é claro. Pois ninguém tinha provas de que era um lobo. Todas as informações fechavam corretamente. Além disto, o homem falava e orava em línguas estranhas. Quer melhor prova? Escolher aquela gente simples que congregava no bairro da Glória, ir exatamente à casa de uma irmã crente, sabendo onde se reuniam, tinha que fazer parte de um plano. Mas, ninguém ali cogitava em planos maléficos. Todos só pensavam em como ajudar o irmão a se reencontrar na vida; tinham boas intenções para com ele. O lobo estava solto no meio de um rebanho indefeso.

Os líderes da pequena congregação eram homens comuns, homens que trabalhavam duramente todo o dia em fábricas e no comércio. Alguns eram pedreiros e havia um que era motorista de carro de aluguel. Nem eles se aperceberam que na casa de um dos membros da igreja um lobo esperava para dar o golpe. Cada crente fazia a sua parte em cumprir os mandamentos de Jesus Cristo. Sempre há um bom samaritano numa igreja evangélica qualquer! E esta família estava fazendo a sua parte, também.

Naquele primeiro domingo passando com a família de irmãos, toda a preocupação era em como fazer o forasteiro sentir-se à vontade, como se estivesse em casa. O almoço de domingo sempre era melhor e mais reforçado e, naquele dia, melhor ainda. Especialmente porque, no domingo, os dirigentes da igreja apareciam de surpresa na casa dos crentes para as visitas semanais e é claro, apro-



veitar a hora do almoço. Além de Hélio, havia mais três pessoas extras na casa: o presbítero responsável, sua esposa e a filha. E tudo foi reminiscências e festa!

A tarde um dos filhos da casa foi orientado em levar o Hélio a um culto na cidade de Viamão. Assim, o Hélio conheceria mais pessoas e poderia ser ajudado com ofertas por outros irmãos. Hélio se comportou corretamente. Deu o seu testemunho numa pequena capela na Vila Sta. Cecília, chorou, cantou, e encantou todo mundo. Fez amizades ali. Algumas pessoas, mesmo em sua pobreza colocaram pequenos donativos em dinheiro nas mãos dele para suas necessidades mais imediatas.

## Capítulo 6- Papo Furado



E Hélio foi ficando. Naquela semana saiu todos os dias à procura de emprego. Era época de eleição. Mas voltava para casa sempre com a informação de que não conseguia emprego porque lhe faltavam alguns documentos. Ele apareceu com uma conversa de que estava ajudando diariamente o Marco Moreira que era candidato a deputado estadual. E todo mundo na igreja sabia que o Marco Moreira era candidato a deputado. Todos o conheciam pregando em todos os púlpitos da denominação.

- Onde você esteve hoje?

- Fui até Caxias do Sul com o futuro deputado.

E no outro dia:

- onde foi hoje?

- Fomos com o Marco Moreira visitar Sta. Cruz do Sul.

E descrevia as cidades onde estivera. Caxias do Sul o encantara. Jamais vira cidade igual. Nem mesmo em São Paulo. Uma cidade em franco progresso. Sta. Cruz do Sul o impressionara pela majestosa catedral com aquelas torres quase alcançando as nuvens. E pela gente da cidade,

imigrantes europeus que ele achou muito racista. Por ser moreno, dizia, não se sentiu muito a vontade entre gente de origem européia. Todos os dias, saía pela manhã e voltava a noitinha contando suas histórias. E ainda ia para os cultos do meio de semana. Cantava, orava, testemunhava. E como conhecia a Bíblia!

No fim daquela primeira semana decidiu voltar à cidade de Santos para tirar novos documentos. Para trabalhar ajudando na candidatura do Marco Moreira, ele precisava de seus papéis em dia. Foi então que minha mãe pediu que ele levasse tudo o que era seu e que não regressasse, pois não tinha condições de sustentá-lo por mais tempo. Com o imenso amor cristão e devoção à fé, esses amados irmãos se despojavam de tudo, diariamente, para abençoar o Hélio. Até aqui, ele era um irmão como qualquer outro.

Ninguém sequer viu nele as unhas de um lobo. O disfarce era perfeito. Hélio, tomou tudo o que era seu e foi para Santos. Pelo menos, foi o que disse!

Foi um alívio financeiro para todos na casa, disse-me o pastor. Ele, com apenas 16 anos, trabalhava na fábrica. Sua irmã, uma moça de apenas 14 anos trabalhava numa loja do centro da cidade. O pai trabalhava. E todo o dinheiro da família formava uma só bolsa para o sustento de todos. Até para comprar um chinelo, os filhos que trabalhavam, pediam permissão aos pais. A saída de Hélio e sua suposta viagem trouxe um tremendo alívio financeiro.

Dona Zezé tinha um irmão seu, mais velho que ela, que viera de outro estado para visitá-la.

Era um sujeito magro, solteirão, careca, e não era crente. Mas não era aquela calvície bonita. Era feia e ele era feio. Fumava palheiro, aquele cigarro feito de palha. Ele também estava hospedado na casa durante alguns dos dias

em que Hélio estava ali. O sujeito vivia pigarreando ou tossindo por causa do tabaco e da cachaça! Não, ele não bebia. Isto é, ele não bebia ali na casa. Ali não entrava bebida alcoólica. Nem jogava na casa, pois qualquer tipo de jogo, até mesmo um simples joguinho de dominó não era permitido. Mas o tio Pedro ia ao boteco da esquina onde bebia e jogava! A carga aumentou para a família, especialmente porque o velho passava o dia, literalmente, picando fumo para o seu palheiro. Com a saída do Hélio o tio Pedro ficou sozinho no quarto por mais algum tempo antes de regressar para sua cidade e estado.

Sumiram algumas cuecas e camisas de malha. Sabe aquelas camisetas que chamávamos de "camisa de física". Sem mangas, brancas. Hoje você só raramente as encontra, a menos que queira usar aquelas de marca utilizadas pelos jogadores de basquete, com número e nome do atleta nas costas.

Tio Pedro tinha um jeito de falar peculiar ao lugar donde viera. Falava cantado, com expressões só conhecidas por gente do seu lugarejo, formado por portugueses dos Açores. Filho de pescador, catador de marisco, acostumado a pegar siri a dedo. Ele compensava a família, deleitando-se, contando histórias de pescarias, falando de maré alta, de mangues repletos de vida, de ostras com pérolas, de sereias cantando em alto mar, da noite do facho. Você sabe o que era o facho? A noite do facho, dizia ele, a gente pegava as tochas e lanternas, entrava nos botes, estendia as redes no fundo da canoa e deixava os peixes e camarões serem atraídos pela luz. Eles pulavam para dentro do barco e o camarão, especialmente, era pescado sem maiores dificuldades. No seu lugarejo, se dizia em tom cantante: Oi Beca! (Beca era o nome de seu cunha-

do, repetia). Oi Beca, hoje tá bom pro facho! Não tem vento sul e podemos sair com a vazante. (Meu conselheiro se deu conta de que estava fugindo um pouco de sua missão. Eu o convidara para me aconselhar, pois um ladrão esperto, passando-se por crente dera um tremendo rombo na tesouraria da igreja. Desculpou-se por seu entusiasmo em rememorar os dias tão distantes e procurou continuar a falar do Hélio que era um lobão vestido de ovelha no meio da igreja).

## Capítulo 7- Tudo Sobre Todos



Bastou uma semana para que Hélio aprendesse tudo sobre todos. No convívio da família, nas conversas com outros crentes, as informações lhe caíam nos "chips" de sua memória, como aquelas armazenadas em computador. Agora ele sabia o nome dos principais líderes da denominação, o que faziam, o que pregaram no domingo, o carro que tinham, etc. O endereço da Igreja, onde funcionavam os escritórios da igreja matriz, o nome do tesoureiro, secretário, os horários de cultos...

Bem, dizia o meu interlocutor, você imagina o que uma família unida conversava todos os dias. Hoje as famílias, mesmo as dos crentes mudaram seu estilo de vida. Conversam menos porque gastam mais tempo lendo jornais, jogando jogos eletrônicos, vendo novelas e programas na televisão. E quando vão para o culto colocam o vídeo casete a gravar tudo para não perder nada. E voltam correndo para ver o noticiário. Bem, você sabe.

Quando conversam o tema é política, novelas, futebol. E acrescentou: A tecnologia fez o globo ficar pequenino assim. Mas distanciou a família, e afastou as pessoas umas das outras. E mostrou com as mãos o tamanho do mundo.

Os crentes dos anos '60 não tinham televisão, não liam jornais e revistas a não ser as da igreja e só ouviam o rádio na hora em que o Erom Domingues falava no Repórter Esso. (Ele me disse que depois ia me explicar o que era o Repórter Esso!) Assim, tinham muito tempo para conversar e todos os vizinhos se conheciam. E o que mais conversavam era sobre a igreja, as famílias, os pastores. As famílias conversavam, disse-me ele, o que não acontece hoje com frequência.

Hoje você vai a uma casa, quer conversar, mas a televisão está ali, tagarelando o tempo todo...

Quando chegava algum visitante na casa, em menos de dois minutos um vizinho entrava pelas portas do fundo, a pretexto de pedir uma colher de sal ou um pouco de azeite. E ninguém precisava bater à porta. Estava sempre aberta! Bastava chegar alguém e quatro ou cinco vizinhos, especialmente mulheres e crianças adentravam na cozinha. Qualquer um entrava. Não havia muros, nem grades, nem porteiros eletrônicos, nem guardas nas guaritas dos quarteirões e os cachorros, guaipecas, não mordiam ninguém. Apenas uma cerca de arame farpado para não entrar vaca ou cavalo. Só o estranho batia palmas no portão do pátio. Os vizinhos não! Todos tinham acesso a todos. E foi neste ambiente salutar, da década de sessenta que o Hélio desenvolveu o seu espírito de lobo para enganar e destruir. Além disto, as duas casas da direita, a casa da esquerda e as outras duas mais acima na outra quadra, era de gente que minha mãe levava para a igreja. Gente boa, cheia de fé, cristã. Só não havia vizinho na frente, porque do outro lado da rua tinha uma escola.

Até hoje ninguém sabe o que o Hélio fez nos dias em que ficou fora. Ele nos fez acreditar que tinha ido a San-

tos arrumar os documentos. Depois de trinta dias ele voltou. Dona Zezé ficou assustada ao vê-lo chegando, mala na mão, e foi logo dizendo que não tinha como hospedá-lo outra vez na casa. Tenho duas filhas, disse-lhe ela, e todos trabalhamos duramente para viver. Por favor, nem entre em nossa casa.

Mas, outra vez o amor cristão falou mais forte. Hélio trazia na mala várias lembrancinhas de São Paulo para decorar as paredes de madeira daquela casa. Um quadro, com uma cascata e um ribeiro margeado de flores. No fundo um pico nevado e sobre o papel os dizeres do Salmo 91 em destaque: "Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará". Trouxe também uma bonequinha para menina, tão parecida com sua irmazinha; um outro quadrinho de flores...E Hélio ficou. Só mais um dia! Ele não teve argumentos para dizer quem roubara as cuecas e as camisetas do tio Pedro. Acho que foi este o maior furo que ele deu. O dinheiro que meu pai recebia durante a semana era todo colocado na gaveta do armário. Não havia inflação, nem conta bancária. Mas ele nunca roubou um centavo.

Ele agora mostrou a sua carteira de identidade, seu cartão de membro da igreja em Santos, sua carta de recomendação e até uma foto do pastor da Igreja de Santos. E na simplicidade cristã, aqueles amados irmãos não se detiveram para imaginar se os documentos eram falsos ou verdadeiros. E ele soube enganar muito bem, pois no dia seguinte resolveu fazer um dia de jejum. E ainda especificou o motivo: ações de graças por ter feito uma viagem de ida e volta sem problemas. Esperto, usou o texto bíblico que falava de Esdras e o povo jejuando antes da jornada do cativo da Babilônia para Jerusalém. Aquele



dia de jejum tocou mais ainda aqueles irmãos. Hélio, ao fim do dia, pareceu adquirir uma auréola de santidade e de temor! As seis da tarde, tomou um sopão que dona Zezé fizera para ele quebrar o jejum e foi embora.

A essas alturas, Hélio já fizera amizade com outros irmãos de outros bairros da cidade, inclusive com gente influente na igreja sede. Sua história teve lances que somente três anos mais tarde alguns membros da igreja ficaram sabendo. Ninguém ficou sabendo onde ele foi parar. Desapareceu da vida de todos.

Foi um alívio para aquela família! Especialmente porque chegou a informação de que uma pessoa dera um golpe numa igreja da cidade de Pelotas. E a descrição fechava com o Hélio. Neste caso, em Pelotas, ele se apresentara na casa pastoral, como um homem casado e com uma criancinha. Tinha todas as cartas de recomendações possíveis que o garantiu ficar um mês inteiro entre os irmãos daquela igreja, ganhando assim, a confiança do obreiro local. Mas deu um golpe em milhares de cruzeiros, muito dinheiro na época, fugindo a seguir. Não havia dúvidas: era mesmo o Hélio. Ou ele era casado ou havia conseguido uma boa companheira para suas vigarices! O alívio foi que, ficando tanto tempo na casa daqueles irmãos do bairro Glória ele não deu golpe algum. Mas afinal, aqueles irmãos se perguntavam: o que ele queria e não conseguiu? Ou conseguiu as informações que precisava?

E isto sempre gera algum comentário. Sempre alguém tinha uma história de vigaristas agindo na igreja. Quando o assunto foi comentado com um pastor ele contou para aqueles irmãos a respeito do vigarista que foi a uma convenção de obreiros. Hospedou-se entre os demais com credencial de alguém de uma cidade qualquer do Brasil e

durante a noite saia pelos alojamentos coletivos a limpar as carteiras dos pastores. Quando se deram conta ele havia fugido com uma boa grana, gravadores e relógios. Bastou uma madrugada e ele fez uma limpa! Ninguém imaginou que um falso pastor estava hospedado entre eles! É isto numa convenção de pastores em nível nacional. Bem. Serviu de consolo para minha mãe e toda a nossa família.

Os crentes, disse-me o pastor, sempre têm um pé atrás por causa das decepções na tentativa de ajudar as pessoas que se diziam necessitadas.

Havia aquela família que batera em nossa casa à procura de alimento e dinheiro. Eram de outro estado. Três filhos e a mulher com o quarto filho na barriga. Gente que morava sob marquises, viadutos, pontes, mendigando de casa em casa. A comunidade na sua pobreza tirou aquela família da rua. Conseguiu na mesma vila uma pequena casa de madeira, pagava o aluguel, dava uma cesta básica mensal. Sempre tinha alguém levando alguma coisa àquela gente. A família não queria nada com o Evangelho, mas isto não os impedia de acolhe-los em amor seguindo os mandamentos de Jesus. Certo dia, três meses depois, quando alguém foi visitá-los não havia ninguém em casa. No outro dia também.

## Capítulo 8- Doações da Comunidade



A pequena moradia havia sido mobiliada com doações da comunidade cristã daquele bairro: um roupeiro usado, fogão e colchões e um armário. A casa foi abandonada. Mas um crente da igreja encontrou a mesma família mendigando num outro bairro da cidade e perguntou:

- por que vocês saíram da casa que nós arrumamos para vocês morarem?

- Ah, disse o homem. Eu ganho mais dinheiro andando com minha família pela rua.

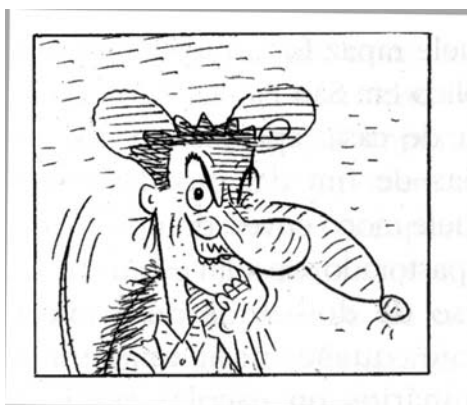
Quando os irmãos souberam da resposta ficaram chocados. Talvez os anjos estavam realmente protegendo aquela família. Era gente boa demais para ser enganada assim tão facilmente. As pessoas diziam que havia anjos em alerta todo o tempo protegendo as famílias daquela igreja, já que eram pessoas movidas pela fidelidade ao Evangelho. E os comentários tinham lá suas razões. O Hélio ficara várias semanas naquela casa, sendo um tremendo vigarista e não roubara nada (a não ser as cuecas e camisetas do tio Pedro, talvez por que não era crente) e não tocara em suas duas filhas. Comportara-se como um

bom cavalheiro.

Mas onde andou o Hélio nos três anos seguintes? Ninguém soube. Ouviram de um outro

golpe em Santa Maria e a descrição do sujeito era parecida com a do Hélio. Lá, ele era um viúvo com dois filhinhos pequenos.

## Capítulo 9- A Volta do Hélio



E como foi aparecer? Isto mesmo. O Hélio apareceu para dar um bote final na família que o ajudara, e isto quase três anos depois de ter ido embora.

A esta altura, um dos filhos havia decidido ingressar no ministério pastoral. Logo que o Hélio foi embora, aquele rapaz, ainda foi estudar num Instituto Bíblico em São Paulo. Ficou dois anos fora de casa aparecendo apenas nas férias de fim de ano. Isto mesmo. Aquele moço enveredou pelo caminho do pastorado, decidiu estudar e fez um curso de dois anos num internato. - Hoje quase não existem mais Seminários ou escolas bíblicas em regime de internato, dizia o meu interlocutor, - A formação ministerial ganhou novos contornos com cursos nas igrejas locais, cursos por extensão, ou escolas bíblicas nas próprias cidades. Tudo isto me foi explicado com mais detalhes pelo pastor que me contava a história.

Formado na Escola Bíblica começou sua jornada de pregador itinerante. Nesse dia quando o Hélio voltou para a casa de sua mãe, ele viajara para interior do Estado. Foi para cidade de Camaquã. Bem, acho melhor chamar esta

cidade de Camaquã, poderia ser Cacimbinhas, uma cidade imaginária. Mas prefiro uma cidade real porque ela terá um papel importante no que vou contar e não podemos ter uma cidade sem nome. Afinal, até porque as cidades gostam de ter nome. E qualquer nome que se dê numa história, mesmo um nome fictício, vai aparecer uma cidade com aquele nome. Assim, Camaquã fica bem, e está no caminho entre Porto Alegre e Pelotas. Cidade bonita, pacata, debruçada à beira de lagoas e de arrozais. Naquela ocasião, e isto faz algum tempo, a gente podia atravessar a cidade em meia hora, caminhando. Tem ainda lá o Portão da Boa Viagem. Ali começava a cidade. Eles tinham uma frase assim: Camaquã: um lugar pra se viver!". Hoje o Portão está no meio da cidade. E a violência o roubo e a miséria também apareceram por lá. Ela os abraçou com seu progresso.

- Pois ali também havia uma linda igreja evangélica, disse-me o pastor, - um grupo pujante. E o moço era o pregador naquela semana de uma série de conferências. E havia a facilidade de que lá morava uma de suas irmãs, recém casada.

## Capítulo 10 - Aplicando o Golpe



Eram nove horas da manhã quando o Hélio apareceu na casa de sua mãe. Veio de táxi. E já os vizinhos espiaram pelas janelas e frestas de madeira para ver quem chegava na casa.

E todos reconheceram: era o Hélio. Dona Zezé, como a chamavam, estava lendo a Bíblia, sozinha. Uma filha e um dos meninos estavam na escola em frente da casa, a outra estava trabalhando e o pastorzinho saía para pregar em Camaquã. Com o barulho de um carro em frente, ela espiou pela janela. Bem, hoje a gente nem liga para o barulho de carro em frente da casa, pois são tantos. Mas nos anos 60, não. Ninguém na pequena comunidade de crentes tinha carro, a não ser o obreiro que tinha o seu próprio carro e trabalhava como motorista de carro de aluguel. Era assim que se chamavam os táxis de antigamente.

Carros de aluguel!

Dona Zezé perguntou:

-Hélio, você aqui outra vez?! A irmã falou em tom de repreensão. Não temos lugar para você aqui casa. Quase três anos desaparecido e agora o que você quer? E Hélio, de pé, com a porta do táxi aberta, foi logo dizendo:

- Não se preocupe, eu não vim para ficar. Isto aliviou a todos que a esta altura já rodeavam o táxi. Afinal, os vizinhos acompanharam, por serem também crentes, todo aquele tempo em que o Hélio ficara naquela casa. E ele fez uma pergunta. Apenas uma pergunta:

- A senhora não tem um filho que estudou em São Paulo?

- Claro, disse a irmã. Até já se formou.

- E onde ele está agora?

- Bem, disse, a irmã, tomou o ônibus das sete da manhã e foi para a cidade de Camaquã.

Para um vigarista, qualquer informação, serve como apoio para o próximo passo. Agora, todos já sabiam que Hélio era um vigarista e estavam desconfiados da presença dele. Acho que isto o assustou um pouco. Mas ele se prevenira: viera de táxi, mandara o carro esperá-lo e, conforme fosse a recepção, poderia fugir imediatamente. Talvez ele nem planejasse fazer desta forma, mas a uma dada resposta a mente de um golpista está pronta para forjar um rápido plano. E foi isto que ele fez. De posse da resposta, ele foi logo dizendo:

- Pois eu vim lhe dizer que o seu filho teve um grave acidente na estrada e está passando mal, se é que já não morreu. O pastor da igreja Matriz, e ele citou o nome do presidente da Igreja, está esperando pela senhora para dar maiores informações. Corre até lá!

- Mas você conhece mais detalhes? perguntou a mãe aflita.

- Parece que o ônibus virou na estrada ou ele foi atropelado ao atravessar a praça lá na cidade onde chegou, disse Hélio.



E acrescentou:

- os pastores na igreja matriz sabem de tudo e estão aguardando as providências para o velório.

Foi uma bomba. Ele sabia que uma notícia assim causaria uma bomba na família. Mas logo acrescentou, segurando as mãos de dona Zezé:

- Lembre-se do que está escrito no quadro que lhe dei: "Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo..."

e dona Zezé e ele terminaram juntos: "...à sombra do Onipotente descansará". Entrou no táxi e partiu. Todos se entreolharam, mudos. O que foi mesmo que ele disse? Houve um acidente? O meu filho morreu? Ou está somente hospitalizado! Meu Deus! e agora? Em qualquer vila onde as pessoas se conhecem a notícia corre ligeira. Logo, logo, todos sabiam que o filho daquela irmã tivera um acidente e estava morto em algum hospital da cidade.

Um rapazinho da vila foi orientado a procurar o marido de dona Zezé que trabalhava na estrada. Era capataz de turma numa empresa que pavimentava a BR 116. Ele conhecia todos que por ali transitavam e conhecia também os motoristas da empresa que fazia o trajeto para Camaquã. Ele devia saber alguma coisa. Sem vizinhos que tivessem carro, toda esta movimentação tinha que ser feita de ônibus. A cada 15 minutos passava um ônibus para o centro, ou pegavam o bonde que demorava muito tempo. O rapaz vestiu-se e saiu em sua missão.

Dona Zezé deu ordens caso o Hélio retornasse à casa que não o recebessem. Ele poderia voltar e na ausência do pessoal da casa chantagear com dinheiro, levar objetos, etc. Nunca se sabe o que se passa na cabeça de um vigarista. Ninguém tinha certeza se era ou não verdade que o rapaz estava num hospital. E se o Hélio estivesse falando

a verdade?

Ela, sim, pegou um táxi e saiu por vários hospitais da cidade. Você pode imaginar o desespero de uma mãe depois de uma notícia dessa? A mente trabalha na velocidade de um computador, checando dados, possibilidades, informações e, pior, uma pessoa sente fortes emoções. O computador não tem emoções: não chora, não ri, e não se desespera. O computador é frio. Trabalha com as informações que tem. O ser humano cria informações partindo até mesmo do seu estado emocional.

Os dois filhos que estavam na escola, souberam durante o recreio do que acontecera. A menina começou a chorar muito na sala de aula e logo todos na escola ficaram sabendo que o rapaz, filho de dona Zezé havia morrido. Ou estava mal para morrer? Os alunos levaram a informação para casa e logo os demais irmãos, membros da igreja ficaram sabendo. Hoje um telefone não seria tão eficaz como o que aconteceu naquele dia.

## Capítulo 11- ...Continuando o Golpe



Como já disse, as pessoas dos anos 60 não viviam de forma tão particular, privada, como vivemos hoje. A dor de um era a dor de todo mundo. A alegria de um, era também a alegria de todo o mundo. Quando um vizinho morria, todos ajudavam a família enlutada fazendo almoço, café, passando a noite no velório e isto não era diferente numa festa, como por exemplo, um casamento. No casamento da filha de dona Zezé alguns anos antes todos os vizinhos crentes ajudaram a fazer os docinhos, salgadinhos, o bolo etc. E todos estavam na festa. Se muita daquela gente vivesse hoje, teria todo o direito de andar protestando com faixas do tipo: Abaixo o privatismo! Viva o coletivismo.

Bem. Muita daquela gente ainda vive. Mas noutras condições. Esta gente foi obrigada a colocar muros e grades de três metros de altura em seus pátios; colocaram barras de ferros em portas e janelas. Substituíram o cachorrinho vira-lata por um cão pastor treinado e se afastaram dos vizinhos por causa do "boom" imobiliário. Aquela mes-

ma gente recebe o jornal em casa cedinho, tem televisão a cabo, vídeo cassete, computador, internet e já não sai mais à rua tão freqüentemente para comprar o pão e o leite: tudo está no freezer.

A tecnologia trouxe conforto; a violência, o isolamento e, conseqüentemente, até a igreja sente os reflexos desta mudança na sociedade. Os crentes antes tão cooperadores, agora estão privatizados, como dizia aquele antigo cântico: "tu no teu cantinho e eu no meu". O Evangelho vivido tão ardentemente nos primeiros anos da vida cristã, agora está ameaçado pelo privatismo que entrou nas igrejas. Aquele aconchego das congregações pequenas dos bairros, cedeu lugar aos grandes templos onde milhares de pessoas são apenas espectadores. Já não participam como uma família. Os fins de semana lotam as estradas, não para assistir cultos, mas para o prazer e o laser.

Antes qualquer pessoa batia à sua porta a qualquer hora, fosse por um pouco de sal, um Sonrizal ou por ter alguém enfermo, hoje todos vivem isolados. Uma daquelas famílias me contou, dizia meu interlocutor, que vive cinco anos num prédio de apartamentos e só conversava com os vizinhos nos 30 segundos que o elevador levava para descer ou subir.

E que esta tendência de privatização atingiu tão diretamente a igreja...Os crentes de hoje são sócios de clube, têm casa na praia, na serra ou uma chácara no campo e só voltam a tempo de chegar para o culto de domingo a noite! Quando voltam!

Esses crentes que se converteram nos anos 60 e que moravam naquela vila de gente simples, hoje são ricos, abastados financeiramente. Perderam o contato com a ci-

vilização ao redor e aderiram automaticamente a aldeia global: o mundo da televisão! Naquela época, dizia-me ele, esses mesmos crentes ao encontrar um mendigo o levavam para as suas casas, como fizeram o com o vigarista Hélio. Hoje eles desviam o olhar e pulam sobre eles. Os mendigos estão deitados na calçada de suas igrejas onde passam a noite enrolados em jornais e eles os ignoram. Como o mundo sofre transformações, meu amado pastor, dizia meu conselheiro.

O táxi parecia não andar. Dona Zezé foi até o Pronto Socorro, mas seu filho não estava lá. Foi à Santa Casa. Mas seu filho também não estava naquele hospital. Resolveu ir até o templo Matriz de sua denominação. Mas lá ninguém sabia de nada. Ela recusou acreditar que era um golpe. Todas as evidências lhe diziam que era um golpe. Suas emoções, não! Os pastores oraram com ela, a aconselharam a voltar para casa, mas ela relutou em voltar.

Passou na loja onde trabalhava a filha e a arrancou do trabalho. Precisava da ajuda dela. A filha voltou para casa. Teria que avisar a todos os vizinhos que o seu irmão não estava em nenhum hospital da cidade e que na Igreja Matriz ninguém sabia de nada. Era um golpe.

Uma mentira do Hélio. E foi o que ela fez. A apreensão, contudo, estava estampada no olhar de cada um dos vizinhos durante todo aquele dia!

A esta altura, havia um misto de revolta contra a farsa do Hélio, uma incontida alegria por saber que o rapaz não estava em nenhum hospital da cidade. Uma certeza de que tudo aquilo era uma mentira, pois os pastores de nada sabiam. E o Hélio dissera que eles sabiam de tudo!

Você sabe, dizia o meu conselheiro, nos anos 60 nossa mente trabalhava mais devagar para raciocinar. Hoje, nosso

raciocínio é mais rápido porque as informações que recebemos são também rápidas. Uma criança de 13 anos não sabia nem mesmo como se ganhava um neném. A gente era boboca, desinteressada, inocente. E com o raciocínio vago daqueles dias, acreditar ou não, era uma batalha que poderia durar algum tempo. As horas passaram rapidamente. O filho do vizinho que fora procurar o marido de dona Zezé na estrada, só chegou ao local perto do meio dia. Isto que ele saiu de casa as 9 da manhã!

Mas seu João não acreditou na história. Seu João era o nome dele. Um homem de estatura baixa, forte, de bíceps fortes que ganhava de qualquer um numa medida de força, num jogo de pulso. Antes de se converter ninguém se metia com ele. Ele batia em qualquer homem, nem que o sujeito fosse mais forte do que ele. Era respeitado por sua honestidade e pela sua força. Homem que na juventude fora pescador em alto mar, acostumado a puxar as redes com a própria força, a segurar o mastro na hora das tempestades. Nadador e remador audaz! Depois foi quebrador de pedras. Batia nas pedras e as esmiuçava com um martelo de 10 quilos. Um homem destes não parava de trabalhar. Não sabia o que era se assentar debaixo de uma árvore, descansar, tomar um café. Ele sempre tinha alguma coisa para fazer. Anos mais tarde morreu trabalhando, mesmo estando aposentado.

Um homem desses não levava desaforo para casa. Mas também era habilidoso. Conseguia quebrar uma pedra, furando-a pacientemente com o seu punção. Cada marretada batia na pedra com a força necessária para quebrá-la onde ele queria. Usava uma talhadeira como poucos. E você podia medir a pedra e conferir: as quatro partes tinham a mesma medida.

Mas depois que se converteu a Cristo, tornou-se dócil com as pessoas, mais humanitário ainda e agora levava desaforo para casa! Engolia sapo com areia para não envergonhar o nome de Cristo. Ele costumava dizer que Cristo teve que domá-lo com o aguilhão através de muitas situações e circunstâncias.

Bem, qualquer pessoa gastaria muito tempo ouvindo a história de sua conversão. Era muito inteligente para acreditar em histórias mal contadas. Ele falou ao rapaz que trazia a notícia da morte do filho: o ônibus que transportou o meu filho para Camaquã, foi e voltou. já retornou a Porto Alegre. Perguntei ao motorista se a viagem foi boa e ele me disse que o meu filho chegou bem em Camaquã. Volta e fala para minha mulher que isto é tudo mentira! Mas como ela acreditaria na verdade quando a mentira mexe com as emoções?

Dona Zezé precisava ter certeza. E tomou o ônibus das quatro da tarde para Camaquã à procura do filho. No caminho, fez o ônibus parar junto à casinha da capatazia na beira da estrada e avisou o esposo que seguia adiante. Não se preocupe, disse ela, volto amanhã cedo para casa. Mas tenho que saber se o rapaz está bem! Coração de mãe só volta a palpitar direito depois de saber que tudo está bem com seus filhos. Ela que tivera sete filhos, cinco deles em casa com o auxílio apenas das comadres parteiras! E de dois em dois anos!

O primeiro lugar que ela entrou foi no restaurante, junto ao Portão da Boa Viagem. O dono do lugar era irmão de seu genro. Ali se sabia de tudo o que acontecia na cidade. Bem localizado, junto ao Portão, o restaurante olhava tudo e todos! Os vendedores que viajavam de cidade em cidade, almoçavam ali, depois trabalhavam na cidade e iam

dormir mais adiante. O restaurante recebia o Correio do Povo, e a Folha da Tarde e dava bom dia e boa tarde para todo mundo que entrava pelo Portão. Um lugar assim nunca deveria ser demolido pois é testemunha de tantas histórias. Você já pensou em destruir os muros da cidade de Jerusalém? Eles testemunharam tantas derrotas e tantas vitórias! Acho que as casas que fizeram a cidade deveriam continuar ali, como testemunhas de uma era. O Portal, pelo menos, está ali, imponente. Todo mundo passa sob seu arco onde está escrito: Bem-vindo. Quem sai da cidade lê: Boa Viagem. Hoje, dizia meu conselheiro, as cidades não dizem palavras de boas vindas a ninguém, nem desejam-lhe boa viagem.

As cidades de hoje são frias, impessoais. As prefeituras impedem que entre gente de fora para morar, que os imigrantes consigam um lugar acolhedor. Tudo com medo de um aumento da população... Mas isto é outra história!

Ela decidiu ir à casa da sogra de sua filha no centro da cidade. Não, ele também não estivera ali. Decidiu arrumar uma carona e visitar a filha que morava a uns 10 quilômetros dali. Já escurecia quando encontrou o único coletivo que vinha do vilarejo para a cidade. Seu genro tocava umas obras, empreitada numa barragem e residia junto ao canteiro de obras. Ela atacou o microônibus que zigzagueava estrada abaixo. Perguntou.

Descreveu. Insistiu, mas ninguém sabia.

Um rapaz jovem, de acordeão nas costas? Não. Não subira para lá e não estava lá. Ele tocava acordeão e a carregava para as suas conferências. (E aí o meu conselheiro, esquecido de minha angústia e da história que eu lhe contara pedindo ajuda, sorveu mais uma cuia de chimarrão até roncar e, como costumava fazer, - pedindo



mais água quente para sua esposa - entremeou seu relato confortador com suas opiniões de velho pregador). Hoje os pregadores não carregam acordeões nas costas. Levam apenas a fita do playback de um cântico na maleta, se é que vão cantar alguma música. Se instrumentos, é um bom teclado importado transportado em caixa de aço. E quase que me sussurrou ao ouvido, dizendo: os japoneses acabaram com as fábricas de gaitas do Rio Grande do Sul. Com seus teclados modernos, eles invadiram o mercado com sons fáceis de serem tocados. Qualquer um dedilha um teclado. Mas uma gaita? Resta muito pouca gente que sabe tocar, pois os acordeões se tornaram mais folclóricos do que práticos! A propósito: Você vê algum cantor ou pregador carregando um estojo de gaita nas costas hoje em dia?

E dona Zezé não desiste. Continua, subindo estrada acima, de carona, pescoço rígido de tensão, comendo poeira, sacolejando até a casa de sua filha. Desde as 9 da manhã está à procura do filho com esta história de acidente e de morte. Fez toda a peregrinação pelos hospitais, pela igreja e já são quase 7 da noite! Ela já sabe que não aconteceu nada, que foi um golpe. Mas por que não encontra o filho? Entra na casa de sua filha que, surpresa ao vê-la quase desmaia. É prenúncio de morte? Não é isto que pensamos quando o telefone toca as 3 horas da manhã? Sempre imaginamos: quem morreu ou quem passa mal para ligar a estas horas? E sua filha, nem imaginava que sua mãe chegasse ali, as 7 da noite.

No outono a noite chega mais cedo no Rio Grande. Se fosse verão o sol ainda estaria no alto do céu e teria mais uma hora e meia de luz do dia. Mas no outono, as 6 da tarde já é noite. Sorte dela que não chovia nem garoava e

que o vento minuano ainda não parecera para enregelar os ossos!

- Teu irmão não apareceu por aqui? E sua filha, assustada, sem saber o que acontecia, simplesmente disse que não.

- Eu estava fora todo o dia, disse ela,

- fui colher um pouco de laranja e trabalhar na horta e só cheguei em casa há pouco tempo. Não. Que eu saiba ele não veio aqui. Ele bem que poderia ter vindo aqui. A casa fica aberta todo o dia, mesmo sem ninguém em casa. Pode ter entrado e depois saído. Mas do que se trata? E dona Zezé teve que desenrolar, da forma mais resumidamente possível os acontecimentos do dia. Em um minuto, descreveu as últimas 10 horas. O Hélio, a notícia, os hospitais...Se o seu filho chegou são e salvo em Camaquã, como não o encontrara ainda? Nessas horas apareceu um vizinho. Desses vizinhos de antigamente que serviam para ajudar. Ele informou que, de fato, o rapaz estivera ali, passara toda a tarde, mas que tomara uma carona para a cidade antes do anoitecer. Para onde ele foi, não saberia dizer. Carregava um acordeão nas costas.

E aí meu conselheiro passou a descrever como eram os vizinhos de 30 anos atrás. Sempre saudoso dos vizinhos de outrora. Eram bisbilhoteiros, isto era verdade. Mas guardavam a casa da gente e nos vigiavam todo o tempo. Aquelas casas com frestas na madeira permitiam que eles nos olhassem e nos observassem sem sermos notados. Além disso eram serviçais. Companheiros. Sempre estavam ao lado da gente para ajudar a consertar o telhado, o cano que furou, a preparar a horta, a arrancar a mandioca, a plantar e colher o milho. E quando se precisava de um pouco de café, de açúcar ou de sal, lá estavam os

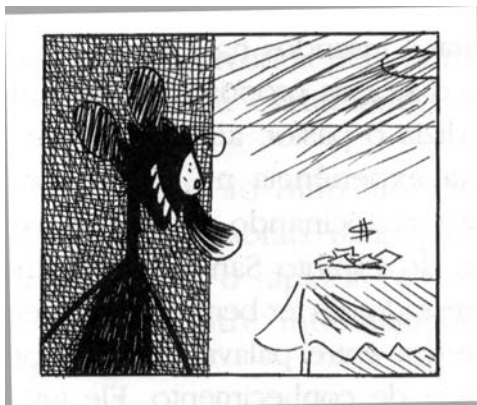
vizinhos para ajudar. Hoje, não, me disse ele. Eu nem conheço os meus vizinhos de porta!



A gente só vê o cara chegando no corredor do prédio pelo olho mágico da porta! Ou quando eles desconfiam da gente e chamam a polícia!

Dona Zezé ficou mais tranqüila. Entretanto, precisava ver o filho. Voltando à cidade, agora no caminhão do seu genro, ela finalmente o encontrou. Sentado à mesa, na casa do Pastor, o jovem, que sequer sabia de tudo o que se passara naquele dia, saboreava um prato de frango com arroz. O culto iria começar dentro de meia hora, e ele, enquanto mastigava a comida, remoía os pontos do seu sermão para aquela noite. Iria falar sobre os dons de 1 Coríntios 12. Sua mente alerta, conversava com o pastor, pensava no culto e distribuía aplausos à cozinheira. Era do tipo que pode ouvir dez pessoas conversando ao mesmo tempo numa sala enquanto mantém um diálogo com alguém. Sua mente não perdia nada.

## Capítulo 12- Caiu o Golpista



Você sabe, dizia o pastor, meu conselheiro, este tipo de pessoa raciocina como um foguete e não perde nada. É capaz de abrir um parênteses num assunto que está pregando, abrir outro parêntese dentro daquele, abrir uma chave no segundo parênteses, e ainda voltar ao assunto de forma natural, sem ter nada apontado num papel. E a congregação se deleita mais com os assuntos inseridos na pregação do que com o teor da própria mensagem. Pois o rapaz, me dizia o pastor, jovem ainda, sem muita experiência na arte de pregar estava raciocinando sobre alguns dos dons do Espírito Santo, especialmente interessado em ter bem clara em sua mente a diferença entre palavra de sabedoria e palavra de conhecimento. Ele teria que explicar tudo para a também jovem congregação.

A conversa estava animada na cozinha, com as demais pessoas que o acompanhavam à mesa. O cheiro da comida sobre o fogão a lenha dava fome em qualquer um. Naquele dia ao chegar a Camaquã ele não parou no restaurante junto ao Portão da Boa Viagem e nem foi à casa de qualquer pessoa conhecida. Foi para a casa de sua irmã a oito quilô-

metros da cidade. Como ninguém estava em casa, ficou uma boa parte da tarde ali, tomou o acordeão de sua irmã, e dirigiu-se ao culto da igreja.

Ele somente se assustou quando viu sua mãe entrar espavorida pela porta da frente. Ela entrou exclamando: meu filho! E se abraçou ao filho, chorando emocionada. Foi o abraço mais apertado e carinhoso que o rapaz recebeu em toda a vida. Entre expressões do tipo:

- mamãe o que aconteceu, morreu alguém? E, está tudo bem em casa?

Com os lábios lambuzados da comida gordurosa, ele beijou a mãe, apreensivo.

- Meu filho, dizia ela, cheguei mesmo a pensar que estavas morto!

O rapaz, assustado, queria ouvir o que se passava. E ela, tagarela como sempre, relatou rapidamente todos os acontecimentos do dia. E ao terminar disse: eu tinha certeza lá dentro de mim de que tudo estava bem. E se estivesse com algum problema ou mesmo morto eu sabia que "aquele que habita no esconderijo do Altíssimo à sombra do Onipotente descansará". Eu sabia que tu estavas nas mãos de Deus!

O assunto poderia terminar por aqui. Mas depois do golpe sempre se descobre alguma coisa. Como diziam os antigos: mentira tem pernas curtas! Como você sabe, em vila de gente pobre tudo pode acontecer. Três meses depois a nora de dona Zezé tomou um táxi para visitá-la. Ao estacionar em frente da casa, o motorista, em tom de surpresa, disse:

- Ah, foi nesta casa que um rapaz morreu há uns três meses, não é? Que surpresa! Ninguém morrera. E como ele soube desta notícia?

Não demorou muito e o motorista estava no pátio da casa sorvendo um cafezinho, surpreso em saber que tudo foi uma grande mentira. Com isto, ele sentiu-se impulsionado a se lembrar de tudo o que acontecera com o Hélio. Sua mente começou a recordar lances cômicos de três meses atrás.

O homem que ele trouxera para dar as más notícias, disse ele, pediu que rumasse para o centro da cidade. Enquanto o carro subia a Av. Oscar pereira, a rua da Azenha e desembocava na João Pessoa em direção ao centro, Hélio desenrolou uma história triste dentro do táxi. Aquele rapaz que morrera, dizia, era seu amigo. Logo, logo, os diretores do Instituto Bíblico iriam chegar para o funeral e ele tinha que conseguir o dinheiro necessário. Tinha um semblante triste, aquele pobre rapaz. Seu rosto de pele morena, transpirava enquanto as lágrimas desciam-lhe dos olhos. Ele mandou parar o carro em frente duma loja bem conhecida, no centro, e conversou com uma das balconistas que ficava junto a porta. Do táxi, ele podia ver que o homem chorava, suplicava e que ela balançava com a cabeça em tom de negação. Pelos gestos dele e as reações dela parecia pedir dinheiro, disse o motorista. Ficou ali uns 5 minutos, entrou no táxi e mandou parar em frente a um bar do Mercado Público.

Naquele tempo, dizia meu amigo pastor, o movimento de automóveis era pequeno no dentro e as pessoas costumavam estacionar junto aos bares do Mercado. Os bondes ruidosos passavam em frente do Mercado, davam a volta na Praça Parobé e de novo rumavam para os bairros. Pois o Hélio desceu do táxi e tomou uns tragos num daqueles bares do mercado público. Bebeu rápido. O motorista estranhou que um crente bebesse pinga, mas...o mundo dá

muitas voltas! Era para desabafar, dizia ele. Estava muito angustiado.

Novamente, dando ordens ao motorista, parou na esquina da Praça dos Bombeiros onde um crente da Igreja tinha seu ponto de caminhoneiro. Aquele irmão ficava ali todo o dia com seu caminhão esperando frete. Esta era sua profissão. Durante as noites ele corria uma escala de trabalho saindo pelos mais diversos bairros da cidade para dirigir os cultos daquela denominação. Eles se conheciam de algumas reuniões. O irmão caminhoneiro ouvira o testemunho choroso do Hélio há uns três anos atrás. Parece que se cruzaram noutros cultos.

O chofer de táxi, comentou então, que ele contava uma história para aquele homem. Mas não obteve resultado algum. Voltou a entrar no táxi e pediu para ser levado até o Palácio Piratini, onde, dizia ele, iria pedir uma verba do governo para o sepultamento do rapaz. O motorista contou que ficou com tanta dó que cobrou apenas metade da corrida. Ele disse: o homem chorava muito, tinha os olhos inchados e tremia muito. Achei que tudo era verdade. Chorando, desceu do auto e entrou no prédio do governo do Estado. Na realidade o Hélio deveria estar precisando de dinheiro e inventou toda aquela história.

Deixou toda uma vizinhança em pânico. Mais tarde alguns membros da família encontraram a moça que trabalhava na loja do centro e ouviram o que ela tinha a dizer. Bem, disse ela. Conheci o Hélio num culto na Vila Sta. Isabel em Viamão. Ele deu seu testemunho e nos contou toda sua tragédia em Santos. Ficou uns dias hospedados em nossa casa (certamente os dias que em pretexto saíra a procurar os documentos) e foi ajudado pelos irmãos dali. Ele me conhecia, por isso apareceu na loja. Fazia três anos

que não o via. Ele desaparecera de nossa vila depois que sumiu toda a oferta de um culto de sábado. Meu pai era o tesoureiro e levou o dinheiro para casa a fim de entregar durante a semana na igreja Matriz. Desconfiamos que foi ele que roubou tudo, pois no dia seguinte desapareceu de lá. Isto custou um mês do salário de meu pai! É uma triste lembrança!

E que história o Hélio contou a ela? Contou que o filho de dona Zezé morrera num acidente naquele dia, estava sendo velado na igreja Matriz e a família precisava de dinheiro para o funeral. Logo iriam chegar os diretores do Instituto Bíblico. Ele mencionou os nomes de cada um deles. E os nomes eram aqueles mesmo! As informações do Hélio sempre vinham recheadas de nomes conhecidos dos irmãos da igreja, mas geralmente citava pessoas distantes de sorte que os irmãos não tivessem o tempo necessário para conferir. Imagine você, me dizia o pastor, aquela gente não dispunha de telefone em casa e nem mesmo no boteco da esquina. Não havia orelhões disponíveis. Era demorado checar tudo. Para saber se uma informação era correta poderia se gastar horas ou dias.

Hoje é fácil checar uma informação por telefone com algum colega. E a propósito, me perguntou ele, como você foi cair nessa? Por que não usou o telefone e buscou informações? perguntou ele, olhando o telefone e a máquina de fax que possuía num canto do seu gabinete. Fiquei corado de vergonha. Com telefone e fax no gabinete da igreja, fomos enrolados por esse falso pregador. E bastava levantar o telefone do gancho e discar! Hoje, voltou a repetir, as igrejas estão equipadas com a mais recente tecnologia em comunicações. E os computadores das igrejas têm endereços de pastores de todo o Brasil.



É só fazer um clique e pronto! Fomos enganados da maneira mais inteligente possível, disse eu ao pastor. Além de fornecer carta de recomendação da denominação, (falsa, é claro), e nomes de pessoas chaves dentro da igreja do Brasil, ele tomava o telefone na minha frente e discava para essas pessoas. Só agora percebemos que ele mentia quando discava. Tinha conversas sobre a obra, falava com o Presidente da igreja no Rio de Janeiro, marcava compromissos na agenda... Mas eu queria mesmo saber era o fim do Hélio.

A família procurou aquele irmão que fazia fretes estacionado junto a Praça dos Bombeiros. A história era a mesma. Disse que Hélio o abraçava, chorava e apalpava a carteira em seu bolso. Acostumado a viver no centro da cidade e a tomar cuidado com os vigaristas de carteira, este amado irmão não se deixou levar por toda aquela história. Ele desconfiou e o despachou: Vá procurar a igreja matriz e eles te ajudarão. Hélio deveria estar arisco. Desapareceu, depois!

Mas estou contando o que aconteceu com aquela família para mostrar como um falso irmão entra numa igreja e pode causar muito estrago. Aquela turma era gente simples, de oração, de compromisso. Mas em nosso meio, disse-me o colega, aconteceram muitos outros casos. E passou a me contar como um "perfeito" falso irmão apareceu em sua igreja.

Era um rapaz de 23 anos. Vestia-se muito bem. Falava e pregava como poucos. Foi apresentado na hora do culto por algumas pessoas de confiança da igreja. Sua credencial era perfeita. O tipo da credencial que todos os crentes gostam de ver: um judeu convertido, médico, com um ministério de recuperação de viciados! Vinha de Campi-

nas, dizia ele. E deu número de telefone, informações de sua vida que poderiam ser checadas.

O rapaz encantou a pastorada no culto da noite. Pregou e orou pelos enfermos. Ficou hospedado na casa de uma irmã da igreja. Era moço de oração, dizia ela. Ora muito durante a noite. E é um bom companheiro para mim. Uma irmã de confiança dos pastores transmitia confiança a todos. Até que se descobriu a farsa! O rapaz se tranca-va nos quartos onde ia visitar os jovens viciados e, a título de orar e evangelizar, mantinha relações sexuais. Ele estragou muitas vidas. Uma igreja que recém começava, des-sabou. Sobraram algumas pessoas apenas. Este rato de igreja... Meu conselheiro desistiu de contar esta história. Era mais longa e mais emocionante que a do Hélio. Contudo, era mais imunda e suja, porque envolvia sexo, homossexualismo e prostituição.

Deu-me alguns conselhos práticos. Ensinou-me a valer da tecnologia numa mão e dos dons espirituais na outra. Fortaleceu-me a fé. Orou comigo. Prontificou-se a falar com os demais membros de liderança da igreja a fim de me ajudar e, até se ofereceu ajudando-me a ressarcir financeiramente o que aquele rato de igreja tinha nos roubado. É preferível, então, ter na igreja um rato verdadeiro, daquelas ratazanas que metem medo nas pessoas. No nosso salão de reuniões temos um desses ratos. É enorme. Ele não costuma aparecer freqüentemente. Sabe escolher as reuniões: só aparece em cultos de ceia e em casamentos. Há uma viga sobre o salão e ele, vindo não se sabe de onde, atravessa o salão por aquela viga superior. Como costuma sempre aparecer em celebrações de casamento chegou-se até em pensar que a marcha nupcial é que o faz desfilar. Até nome tem: Frederico. Desculpem-me os

Frederico que lêem esta história. Mas ninguém quis dar a ele o meu nome. João é muito comum para um rato como aquele.

E a igreja está cheia de histórias como a do Hélio, (e este era o nome com o qual o sujeito se apresentava) disse-me o pastor. Algumas histórias são cômicas, como a do Hélio, outras tristes e imundas. São todos ratos de igreja à procura de alguma coisa para devorar! Sempre que você encontrar um irmão que você nunca viu, faça um teste: prove-o no fogo, antes de dar-lhe o pão! Não ligue para o cartão de membro dele, nem para pessoas que venha a citar o nome. Fale a verdade com ele, antes de agraciá-lo com uma cama em sua residência. Pise no pé dele com força, ou pegue o cajado de pastor e acerte-lhe a cabeça. Se for ovelha, em sua mansidão vai se humilhar, mas se for bode vai chifrar! E verifique a verdade na frente dele. E se for um desses ratos de igreja, sai disparando estrada a fora à procura de uma outra vítima! Sempre tem um rato à procura de uma igreja e sempre haverá uma igreja cheia de ratos. Entenda-me: os "ratos de igreja".



**Contatos com o autor:**

**Site: [www.pastorjoao.com.br](http://www.pastorjoao.com.br)**

**E-mail: [pastor.escritor@pastorjoao.com.br](mailto:pastor.escritor@pastorjoao.com.br)**

**Twitter: [@pastorjoao](https://twitter.com/pastorjoao)**

**Facebook: [http://www.facebook.com/  
home.php#!/pages/Jo%C3%A3o-de-Souza-Filho/  
153860531314447](http://www.facebook.com/home.php#!/pages/Jo%C3%A3o-de-Souza-Filho/153860531314447)**